

# Ana Davis estréia na Rádio Continental com a disposição de luta que sempre marcou sua trajetória e a faz espelho do brasileiro

Ilan Wettreich

**E**M tempos bicudos de crise pré-apocalíptica, é de encher os olhos, ou melhor, os ouvidos. Que seja bem-vindo o alto astral, a positividade e, sobretudo, o bom humor: estréia hoje, às 12 horas, na Rádio Continental AM (1520 Khz), o Programa Ana Davis – uma verdadeira revista radiofônica diária com duas horas de duração, recheada de informação, utilidade pública, entrevistas, bate-papos, música, humor e, como não poderia deixar

de ser, polêmica. Para se ter uma idéia do quanto pode render a jornalista Ana Davis no comando do programa, basta lembrar que foi ela uma das precursoras da moda do cabelo **black power**, na provinciana Belo Horizonte do início dos anos 70, brilhou na telinha da TV Globo durante cinco anos como apresentadora e repórter especial, e ficou nacionalmente conhecida pela reportagem que fez no final dos anos 70, sobre a seita Hare Krishna, denunciando irregularidades.



Além do programa, Ana cuida da sua editora Axé Brasil, dedicada à cultura negra

Que se cuidem as Cidinhas e Haroldos da vida. "Respeito todos os comunicadores, ouço-os, e até tenho uma admiração grande pelo Haroldo de Andrade. Mas não pretendo copiá-los. Tenho minhas próprias idéias e vou colocá-las em prática", anuncia. Se prepare, Ibope... Todos na Rádio apostam "às cegas" em Ana, garantindo que a Continental deixará a não tão cômoda situação de beliscar um 5º lugar de audiência de vez em quando. "Me deram toda a liberdade e apoio, com responsabilidade. Meu objetivo é a vitória e vou agarrar esta oportunidade como se fosse a última. Preparamos um trabalho muito bonito, um programa voltado para a prestação de serviços, informação, bom jornalismo, dentro da ótica do bom senso e otimismo. O Brasil está numa tremenda recessão, o Rio em pós-tragédia e a gente precisa ver o que pode fazer para ajudar. Para isso que fizemos o programa", explica.

De todas as expectativas, incertezas e ansiedades sobre a estréia, quem conhece Ana tem, ao menos, uma certeza absoluta: no mínimo, por baixo, o público vai se identificar com ela. Primeiro, porque Ana Davis é do tipo "não falo, faço". Depois, porque é dada, supercomunicativa, empática e sempre bem-humorada. Mas, principalmente, porque Ana Davis tem uma trajetória pessoal de impor respeito à qualquer um: para chegar à jornalista famosa e requisitada de hoje, sofreu os mais variados tipos de privações, da miséria à rejeição dos pais, passando pela necessidade de trabalhar desde pequena (começou a fazer biscates com miúdos cinco anos) e o preconceito racial. Quem não admira aquele que vence na vida com esforços próprios, contra tudo e todos?

Ela não sabe bem se nasceu "para ser gauche na vida". Mas tem uma certeza, que sempre carregou consigo, desde pequenina, quando, aos cinco anos, convencida as madames que, apesar do físico franzino, agüentava carregar as compras da feira e assim receber uns trocos: "Vim para ganhar. Sempre quis vencer". O nascimento de Ana já foi complicado. Sua mãe, negra e empregada doméstica, teve um romance com um estudante de medicina, filho da vizinha, que acabou em gravidez. O rapaz sugeriu um aborto, deu o dinheiro, mas a mãe de Ana preferiu voltar

do mapa da cidade. Ana Davis era fanática por leitura e se revelou uma excelente aluna na área humana, principalmente em redação. Ganhou concursos de contos, fez curso de Teatro na Universidade Federal de Minas e frequentou a vanguarda da cidade. "Tinha certeza de que não poderia fazer uma faculdade, porque precisava trabalhar para me sustentar e ajudar a família. E os custos para se passar a uma universidade eram muito altos. Fiz o curso de extensão de Teatro, com status de curso universitário, e passei a viver a vanguarda, discutindo existência, movimento hippie, a ditadura". A formação intelectual de Ana está nos pores nos barzinhos belorizontinos e nas mostras de cinema, teatro e vernissages que jamais deixava de frequentar.

Foi justamente num destes vernissages que uma produtora da TV Globo mineira conheceu Ana Davis e, atraída pelo exótico perfil (inda mulata com cabelo black power), convidou-a para apresentar um noticiário local. Ficou por um ano, para depois desbundar. Fez de tudo na TV do Fantástico, trabalhou na TVS, Associação de Empreiteiros do Estado e agora terá seu programa diário na Rádio Continental. Por fora, criou a Editora Axe Brasil, *Manchete*, valorizando a cultura negra, e um livro sobre "quem é quem na raça negra".

Política? É inevitável a pergunta. "Eu sou prática. Ao invés de discutir, procuro fazer a coisa. Sempre estive atenta ao meu tempo, embora jamais tinha participado de trabalho de bloco, como sindicatos e partidos. Estou sempre ao lado do povo, porque sou povo. Procuro agir dentro da lógica e bom senso. Mas não pretendo dar um caráter político ao meu programa. Para satisfazer a curiosidade geral da nação, Ana Davis votou em Darcy nas últimas eleições, se identifica com a postura de Leonel de Moura Brizola, mas acha que Moreira está fazendo um bom governo.

— Minha maior preocupação é passar algo positivo, de construção. Vamos cobrar, é lógico, mas o mais importante é apontar que a elite e o povo são problema do negro e o problema do branco e do amarelo — filosofa. Quer mais? Sintonize o radinho de pilha na Continental. O único problema é que a rádio pode disparar em audiência, mas perder seu slogan "A que está em todas" para Ana Davis.

do Rio para a cidade natal, Raul Soares, na Zona da Mata, e ter o neném lá. A sociedade jamais permitira este romance...

Antes de chegar em casa, desesperada com a reação da mãe, superreligiosa, a doméstica preferiu ler Ana em Caratinga, num grupo escolar esprrita, mas nasceu o bebê, em 1951, pensou: algumas vezes se não era melhor se deslazer da criança. "Minha mãe chegou ao ponto de parar em uma ponte e ficar pensando se me

do Rio para a cidade natal, Raul Soares, na Zona da Mata, e ter o neném lá. A sociedade jamais permitira este romance...

Antes de chegar em casa, desesperada com a reação da mãe, superreligiosa, a doméstica preferiu ler Ana em Caratinga, num grupo escolar esprrita, mas nasceu o bebê, em 1951, pensou: algumas vezes se não era melhor se deslazer da criança. "Minha mãe chegou ao ponto de parar em uma ponte e ficar pensando se me



Ana Davis  
quer fazer  
duas  
boras de  
informação,  
humor e,  
claro,  
polêmica

